

Angela Zolet Palma <sup>1</sup>Maura Regina Petruski <sup>2</sup>

## Introdução

São várias as abordagens com que a academia trata o assunto das aparições marianas. Etnografias, estudos sobre os romeiros e a peregrinação, o processo de ritualização, a formação de um santuário no local das aparições, os meios de apropriação dos relatos, entre outros, são exemplos do interesse dos pesquisadores. Os estudos sobre as aparições vêm mostrando que elas possuem tal densidade que podem ser tomadas como *locus privilegiado* de compreensão e interpretação da religião, além de outros aspectos culturais, sociais ou políticos (STEIL, 2003, p.26). Mas aventurar-se na temática das religiosidades é ainda um desafio para os historiadores, principalmente se esta religiosidade estiver ligada às devoções populares.

Durante o século XX as pesquisas no campo da história passaram a ocupar um espaço antes dominado apenas pela teologia ou pela História da Igreja, e têm enfrentado desde então esse desafio de pensar as religiosidades, suas rupturas e suas permanências.

O terreno historiográfico de preocupações com o que é simbólico e suas interpretações tem sido a Nova História Cultural. De acordo com Sandra Pesavento (2003), é a História Cultural que se esforça em entender as significações das práticas cotidianas de uma dada época, ou melhor: o modo como as pessoas percebiam o mundo. Dentro da perspectiva da História Cultural é possível analisar essas percepções como “representações”. Nesse sentido, este trabalho tem a intenção de resgatar, ainda que parcialmente, os discursos que se referem ao entendimento que a Igreja teve em relação a uma prática religiosa que se deu de forma espontânea e sem a mediação do clero. Trata-se das aparições de Nossa Senhora na localidade de Lajeado Paca, no município de Erechim (RS), para a vidente Dorothéa Farina. São utilizadas como fontes reportagens dos jornais *A Hora* e *Correio do Povo*, e das revistas *O Cruzeiro* e *O Mundo Ilustrado*. O discurso jornalístico pode ser entendido pelos historiadores como uma intenção de verdade. Dessa forma, é possível refletir sobre as “construções do verdadeiro e as disputas simbólicas desse processo”, partindo da perspectiva de que a ideia de verdade que está presente no texto jornalístico é o “substrato para as considerações sobre o que é considerado e/ou veiculado como sendo verdadeiro num determinado momento histórico” (DOSSIÉ, 2008).

**Resumo:** A investigação do fenômeno das aparições marianas é o objeto deste trabalho, que tem como foco a aparição de Nossa Senhora de Santa Cruz no interior do município de Erechim (RS) e sua interlocutora, Dorothéa Farina. Para entender a relação que se estabelece entre essa forma de religiosidade popular e a Igreja Católica - que vivia a concretização do processo de romanização - são buscadas informações em reportagens publicadas em revistas e jornais.

**Palavras - chave:**  
Aparições marianas;  
Religiosidade popular;  
Romanização; Bens simbólicos.

As aparições iniciaram no ano de 1944 e continuaram até a morte da vidente, em 1988. Entretanto, os limites dessa pesquisa se restringem ao período anterior ao Concílio Vaticano II (1962), uma vez que este é con-

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa/Universidade Aberta do Brasil (2012). Email: angelazolef@gmail.com

<sup>2</sup> Orientadora. Doutora em História pela UFPR, Professora do Depto. de História e do Programa de Mestrado em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

siderado como um divisor de águas na trajetória da Igreja Católica,<sup>3</sup> sendo que a visão dessa instituição a respeito do lugar das devoções populares no catolicismo altera-se a partir das suas diretrizes, como salienta Rui Aniceto Fernandes (2002, p. 5).

É no modelo de religiosidade caracterizada pela forma popular ou espontânea de se relacionar com o sagrado que se enquadram os eventos pesquisados nesse trabalho, uma vez que são devoções que ultrapassam os limites instituídos pela Igreja. O termo Religiosidade Popular é conceituado por Solange Ramos de Andrade David como

(...) uma manifestação que permite ao fiel entrar em contato com o transcendente, procurando resolver os problemas que o afligem em sua vida diária, sendo que este contato se dá em nível de representação, de determinados rituais, que valorizam o aspecto sagrado do ser humano. (1994, p. 27).

Para o historiador Michel Vovelle, um fenômeno religioso “se torna popular quando o homem humaniza a divindade para senti-la mais próxima, e quando deseja captar seu poder através de técnicas que inventa” (VOVELLE apud SOBREIRA, 2002, p. 28). Essa relação mais direta entre o homem e o sagrado prescinde de mediações clericais, e se dá, portanto, fora do controle e da regulamentação das autoridades eclesiásticas.

As práticas e manifestações “voltadas para a vida aqui na terra” (ZALUAR, 1983, p. 13), produzem ações humanas concretas, como observado nos acontecimentos de Lajeado Paca, em que a personagem central foi uma mãe de família, agricultora, e muito devota a Nossa Senhora.

Filha de imigrantes italianos, Dorothéa nasceu no dia 13 de junho de 1911, em Veranópolis (RS). Ela e seu marido, Artibano Farina, construíram sua casa e viveram como pequenos agricultores no sítio onde hoje se encontra o Santuário de Nossa Senhora de Santa Cruz.

O enredo que foi construído e se consolidou entre os devotos se inicia a partir da suposta morte de Dorothéa aos 33 anos de idade. Uma reportagem no jornal *Correio do Povo*, narra os acontecimentos da seguinte forma:

Fazia três anos que a sra Doroteia Menegon Farina, casada com Artibano Farina, mãe de quatro filhos,

se achava doente. Por toda parte andou e nada de melhorias. Afinal, os médicos, drs. Fiorelo Zanin e Angelo Callefí, de Erechim a deram por perdida, por quanto o “raio X” denunciava que tinha no estômago um câncer em estado adiantado. Daí, só a morte. Nos últimos três meses, d. Doroteia esteve de cama, sem alimento algum, sofrendo fome e principalmente sede por não poder engolir. (...) vendo a família que a morte não podia demorar, pois d. Doroteia entrara em agonia, mandou chamar o padre Lino de Erechim, para lhe ministrar os últimos sacramentos. Afinal, pareceu ao padre que expirara, pois este deu os pésames ao dono da casa e lastimou a sorte dos orfãos. (...) Em meio aos preparativos do velório todos ficaram sobressaltados. A doente que fazia tanto tempo falava com dificuldade, de repente começou a falar claramente. Pôs-se a vomitar uma substância esponjosa, com fibras de carne e nervos, que era o câncer! (Jornal Correio do Povo, 11 de fevereiro de 1945).

Como em outros relatos de aparições<sup>4</sup>, a cura da vidente foi o primeiro milagre, identificado, nesse caso, como o fato fundador da devoção a Nossa Senhora de Santa Cruz.

No dia seguinte à repentina cura, teria se formado uma cruz (como se fosse uma cicatriz), no peito de Dorothéa, ficando conhecida, por esse motivo, como “a mulher da cruz”. A explicação desses estranhos fenômenos aconteceu na manhã do dia 25 de fevereiro de 1944, enquanto ela lavava roupas no tanque ao lado da sua casa. Dorothéa vê um clarão e escuta: “Minha filha, foi tua grande fé que te curou e te salvou da morte”<sup>5</sup>, sendo essa a primeira manifestação de Nossa Senhora a ela, que diz ainda:

Penitência, penitência pelos pecadores. Dize ao meu povo de pouca fé que no peito tu trazes a sombra do Deus crucificado, e que não há salvação sem confissão. A parte feminina tem 30% que fazem comunhões sacrílegas. Se meu povo não se converter, grandes castigos hão de vir. O homem de hoje está esquecido de meu Filho. Não pensa que Ele morreu na Cruz pelos pecados. Quantas mulheres, que comungam sacrilegamente, só pensam na vida terrena e não cumprem com os deveres do matrimônio. Não pensam nos milhares de crimes que cometem. Propaga a reunião das crianças. Não temas os falsos profetas que te perseguem. Vai, e revela isso a todos (MARTINOWSKI, 2006, p. 11).

A mesma mensagem Dorothéa teria ouvido novamente nove dias depois e, a partir dessa data, começou a se abrir uma cruz no chão, no gramado em frente à casa da família. Essa cruz se tornou o

3 Para Juliano Dias Alves (2010), as mudanças propostas no Concílio Vaticano II geraram uma interrupção com o período ultramontano da história eclesiástica.

4 Ver REESINK, Misia. Nossa Senhora de Angüera, Rainha da paz e do mundo católico contemporâneo. In: STEIL, Carlos A., MARIZ, Cecília L., REESINK, Misias L. (orgs.). **Maria entre os Vivos**. Reflexões teóricas e etnográficas sobre aparições marianas no Brasil. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2003. Pág. 95; FEITAL, Frederico A. G. **A Santa Montanha**: Conteúdos messiânicos de um movimento sócio-religioso (1999 – 2003). Vitória, 2008. Dissertação. Pág. 10.

5 Uma compilação das mensagens foi publicada pelo padre Nicolau Martinowsky, no livro “Nossa Senhora de Santa Cruz”, em 2006.

símbolo maior das aparições em Lajeado, sendo que até hoje os devotos se reúnem em torno dela para rezar. Ela consiste em uma área em formato de cruz em que a grama não nasce mais<sup>6</sup>. As aparições que se sucederam ao aparecimento dessa marca no chão aconteceram sempre nesse mesmo lugar, quando Dorothéa ajoelhava-se diante da cruz e ouvia Nossa Senhora. Foi nesse local que, no dia 14 de setembro daquele mesmo ano (1944), Dorothéa pode pela primeira vez ver, e não apenas ouvir, Nossa Senhora. A data é significativa, pois é o dia em que a Igreja Católica comemora a Festa da Exaltação de Santa Cruz<sup>7</sup>. A partir de então, as aparições passaram a acontecer cinco vezes por ano, em dias fixos: 06 de janeiro, 11 de fevereiro, quarta-feira de cinzas, 03 de maio e 14 de setembro, sempre em torno das 14h30min<sup>8</sup>. A princípio eram os familiares e vizinhos que acompanhavam os acontecimentos, mas, com o passar do tempo, outras pessoas passaram a vir de longe nos dias das aparições, formando pequenas multidões, o que chamou a atenção da Igreja. Além das aparições, o que contribuía para que cada vez mais ficasse conhecida a história de Dorothéa na região é que ela apresentava estigmas na época da quaresma. A esse respeito, o jornal *A Hora* publicou:

(...) As mãos calosas, endurecidas no trabalho árduo da lavoura, convertem-se em fontes de onde jorra sangue durante a paixão. As chagas existem, parecendo realmente produzidas por cravos. (...) Chagas divinas em pés humanos? Será o caso de Dorothéa Menegon Farina, a colona de Erechim, uma reprodução do fenômeno de Thereza Neumann? Como acontece com aquela, outra humilde mulher, também no corpo desta aparecem a cada Semana Santa as chagas de Cristo na Crucificação. Como se vê na foto, o estigma do pé direito é maior do que o do esquerdo. Tem a forma de uma cabeça de prego. Diz-se que Cristo teve o pé direito pregado sobre o esquerdo. Logo, a cabeça do cravo ficou no primeiro... Dorothea Menegon Farina – afirma ela própria – vê e fala com Nossa Senhora cinco vezes ao ano. Também, a cada Semana Santa seu corpo apresenta-se mutilado. De uma hora para outra, ela fica doente. Não come, não bebe e nem parece viver. Ao redor da sua cabeça surgem ferimentos que parecem produzidos por uma coroa de espinhos. Deles jorra sangue em abundância na quinta e sexta feiras santas. Suas mãos e seus pés apresentam-se furados a meio, como se atravessados por grossos cravos. Seu abdome tem uma perfuração, que se poderia dizer produzida por uma lança. Em vários outros lugares

do corpo surgem estigmas. Dos ferimentos todos, goteja sangue durante a Paixão. Tudo exatamente como aconteceu na crucificação do Filho de Deus (Jornal *A Hora*, 25 de abril de 1957).

Os estigmas seriam as mesmas feridas sofridas por Jesus quando foi crucificado. Algumas pessoas na história da Igreja teriam apresentado esses estigmas, sendo que muitas delas foram posteriormente elevadas à condição de santos e santas pelos representantes dessa instituição. O primeiro - e mais conhecido - estigmatizado foi São Francisco de Assis. Nesse caso, segundo Le Goff (2001, p. 89), a experiência mística dos estigmas foi considerada uma confirmação de sua santidade: “Francisco terminou sua caminhada à imitação de Cristo. É o primeiro estigmatizado do cristianismo, o servo crucificado do Senhor crucificado”. Outras pessoas em várias épocas se declararam estigmatizadas com as chagas de Cristo, sendo importante ressaltar que os portadores desse fenômeno teriam sido pessoas extremamente religiosas, que procuravam intensa identificação com a vida de Jesus<sup>9</sup>.

A partir da divulgação, através da imprensa local e de outras localidades, do que estaria acontecendo com Dorothéa, mais pessoas passaram a ir à Lajeado Paca a fim de recorrer às graças de Nossa Senhora de Santa Cruz, como relata a terceira de uma série de cinco reportagens publicadas pelo jornal *A Hora*:

No primeiro ano em que ocorreu o milagre a notícia correu célere e logo se divulgou por toda a zona serrana. Acorreu gente de toda parte. A mentalidade mística dos habitantes da região colonial impressionou-se. Todos queriam ver e tocar as chagas e orar ante a cruz. A romaria tornou-se algo monumental (Jornal *A Hora*, 27 de abril de 1957).

O clero, assumindo o papel de liderança junto à população local, na tentativa de impedir que esses acontecimentos ganhassem maior evidência, posicionou-se contra os fenômenos ocorridos, o que gerou um clima de tensão. Para entender a atitude da Igreja de desqualificar os acontecimentos que envolviam Dorothéa - ao mesmo tempo em que promovia a devoção em torno das aparições de Nossa Senhora em Fátima e em Lourdes, por exemplo - é preciso ter em mente que a Igreja estava concluindo

6 O braço maior da cruz mede 2,20m, o menor 1,40m, e a largura da área sem grama é de 12 cm (aproximadamente).

7 Existem muitas datas relacionadas à cruz no calendário litúrgico do catolicismo. Na Festa da Exaltação da Santa Cruz, diferentemente da Sexta-Feira Santa (que trata da Paixão), a cruz é celebrada por ter sido um instrumento de salvação, símbolo da vitória de Cristo sobre a morte e sobre o pecado.

8 Segundo devotos, aconteciam cinco aparições por ano porque foram cinco as chagas de Cristo.

9 Segundo Stanley Krippner (2002), desde a época de São Francisco de Assis, cerca de 330 devotos ficaram conhecidos como estigmatizados. Entre eles a freira alemã Anne Catherine Emmerich (1774-1824), a também alemã Theresa Neumann (1898-1962) - citada na reportagem; o italiano Padre Pio (1887-1968); o padre teuto-brasileiro João Batista Reus (1868-1947); e a brasileira beata Maria de Araújo (1863-1914).

do, no Brasil, o processo de romanização<sup>10</sup>. Uma das consequências dessa reforma da Igreja foi a postura que ela passou a adotar frente às práticas do catolicismo popular ou brasileiro (que tinha um caráter marcadamente devocional). Esses “catolicismos” foram questionados e combatidos, pois eram considerados uma deturpação do “verdadeiro” sentimento cristão católico. Segundo Euclides Marchi (1998, p.73), a tarefa da Igreja nesse momento era pregar o Evangelho, ensinar o catecismo e a doutrina, tendo como objetivo claro “substituir as práticas do catolicismo do povo por aquelas mais racionais, intelectualizadas e, sobretudo, romanizadas”.

Permitir que Dorothéa (e não apenas o clero) fosse considerada uma mediadora entre a vontade de Deus e a humanidade era, portanto, o que a Igreja não poderia deixar acontecer. Aceitar que ela ouvia os conselhos diretamente de Nossa Senhora seria admitir a existência de outro caminho para a salvação que não o da Igreja Institucional (FORTI, 1999, p 49), e isso ia contra o processo de romanização.

Nesse sentido, vale lembrar que durante o período de romanização, além de estabelecer novas paróquias, a Igreja incentivou e reforçou as devocções à Nossa Senhora, cujas aparições ocorreram na Europa (Lourdes, Fátima e Salette). Durante esse momento, a Igreja utilizava o milagre como uma afirmação frente ao racionalismo, em defesa do catolicismo romano (STEIL, 2009 apud SILVA, 2010). Já no Brasil, as autoridades eclesiásticas condenavam os fenômenos que envolviam Dorothéa, caso contrário estariam legitimando um *habitus* católico que, na verdade, queriam erradicar. O que estava em jogo era a nova orientação que a Igreja Católica estava assumindo – a romanização.

Após condenar os acontecimentos relacionados às “supostas aparições”, a determinação do clero foi de que as pessoas que continuassem frequentando o sítio de Dorothéa seriam privadas dos sacramentos. Para tanto, uma circular foi lançada pela diocese a respeito das aparições em Lajeado Paca. A revista *O Mundo Ilustrado*, na edição do dia 22 de maio de 1957, publicou uma reportagem a respeito de Dorothéa, na qual é reproduzida essa circular:

Como é do conhecimento público, na pequena localidade de Lajeado Paca, na divisa das paróquias de

Erechim e Barra do Rio Azul, a sra. Dorothéa Farina, apresentando nas mãos e nos pés, feridas semelhantes à estígmata, alega ter visões de Nossa Senhora e conseguiu convencer algumas pessoas crédulas a construírem uma igreja à NOSSA SENHORA DE SANTA CRUZ. Após objetivo e desapaixonado exame das pretensas aparições e fenômenos – exame este constituído de análise em laboratório do sangue que a sra Dorothéa tinha nas mãos e de observações cuidadosas por sacerdotes e médicos capazes, prudentes, e especialmente por nós nomeados, - chegamos à conclusão de que nada absolutamente há de sobrenatural no caso. Lamentado que leigos curiosos e superficiais de nossa Diocese e mesmo sacerdotes e religiosos de outras Dioceses afluam a Lajeado Paca, manifestamos formalmente nossa desaprovação por tal movimento, que contrasta com a ortodoxia da Fé e da Moral Católica, favorecendo um ambiente de exibicionismo, superstição e, Deus não permita, de comércio. Ante os manifestos inconvenientes de tal movimento, resolvemos reprová-lo, proibindo ao Revedo. Clero e aos piedosos fiéis de favorecê-lo de qualquer maneira, seja com o exemplo ou com a palavra.

Os sacerdotes religiosos que, avisados, não obedeceram às presentes determinações, serão passíveis de penas eclesiásticas em Nossa Diocese. À sra. Dorothéa Farina proibimos expressamente que se preste a receber pessoas ou grupos de pessoas estranhas, que a ela vão a título de curiosidade, superstição ou falsa piedade. Os leigos, compreendida a própria sra. Dorothéa Farina, que não obedeceram as presentes determinações, serão privados dos Santos Sacramentos.

Pela observância das determinações acima, correlacionadas com o caso de Lajeado Paca, responsabilizamos o Rvdo. Cônego Gregório Comassetto, Pároco de Erechim e Arcediago de Nós e Cabido Diocesano, recomendando-lhe a mais severa vigilância.

Passo Fundo, aos 13 de outubro de 1956.

Cláudio Colling, Bispo de Passo Fundo.

P.S. – Seja a presente circular lida e explicada aos fiéis da Matriz, no primeiro domingo após o recebimento, bem como em todas as Capelas em que o Rvdo. Pároco ou Vigário o julgar necessário.

Mons. Paulo Chiaramonte, Secretário Geral do Bispo.

Através desse documento, fica clara a postura da Igreja no sentido de desqualificar os fenômenos que estavam acontecendo em Lajeado. É interessante perceber a inversão: Aqui, a Igreja se alia à ciência, a fim de combater uma atitude religiosa que nascia totalmente sem o controle do clero. Nas palavras do Bispo Dom Cláudio Colling, são perceptíveis os objetivos da Igreja ultramontana em proteger a “ortodoxia da Fé e da Moral Católica”, como se esta estivesse ameaçada. Da mesma forma, de desvalorizar as atitudes em relação a esse sagrado com o qual

10 À medida que as monarquias de direito divino (os regimes de padroado, como era no Brasil), vêm dando lugar aos estados laicos que prescindem da Igreja, esta vai tecendo sua resposta na forma da implantação de um projeto de reforma Católica que é denominado por vários historiadores de “romanização”. Essa reforma pressupunha um retorno à concepção da ortodoxia doutrinária, à prática e à disciplina do Concílio de Trento. Para tal, são reordenadas estruturas internas da Igreja, seguindo as determinações de Roma - há a restauração do celibato sacerdotal, criação de dioceses e estabelecimento de novas paróquias, substituição dos leigos atuantes na igreja por padres.

primeiramente leigos tomam contato, dizendo que favorece um “ambiente de exibicionismo, superstição e comércio”.

Observa-se que se constituíram dois modos de viver a religião em Lajeado e arredores: um, leigo, com rituais simples e de fácil assimilação, do qual o clero pouco participava. O outro, que era pregado e difundido pela Igreja, era essencialmente sacramental, de difícil compreensão e que, na opinião de Euclides Marchi (1998, p.58), “sofría de um primarismo através de formulações abstratas do catecismo, das exposições acadêmicas nos sermões, construído de visões parciais de verdades eternas”. Para que esse catolicismo romanizado realizasse sua implantação, passou a combater tudo o que representasse o catolicismo popular, como é o caso das aparições de Nossa Senhora de Santa Cruz. Dessa forma, é estabelecido um conflito no *campo religioso*, no qual estão envolvidos o clero e os fiéis que acreditam no que se passa com Dorothéa<sup>11</sup>. A tensão entre eles acontece quando os representantes da Igreja oficial procuram espoliar os devotos de Nossa Senhora de Santa Cruz de capital simbólico para assim estabelecer seu monopólio no campo religioso.

Essa relação conflituosa se dá uma vez que apenas a alta hierarquia da Igreja (Papa e bispos), poderia ser responsável pela interpretação, atualização, conservação e administração dos bens de salvação. Aos clérigos (sacerdotes, diáconos, religiosos), caberia à função de mediadores e, aos leigos, restaria o papel de consumidores desses bens (LIBÂNIO, apud FORTI, 1999, p. 67). Entretanto, ao invés de receber as informações do sagrado apenas por meio dos padres – como deveria ser seu papel enquanto leiga – Dorothéa se põe ela mesma em contato com o sagrado e, de forma independente, interpreta e transmite as mensagens de Nossa Senhora aos demais católicos. A fé, dela e dos devotos de Nossa Senhora de Santa Cruz, é considerada pelo catolicismo oficial como uma ameaça, visto que tem poder para “atrair ou desanimar devotos, desabilitar o poder do clero, dar voz àqueles sem voz”, e tudo isso com “aprovação celestial” (THEIJE; JACOBS, 2003, p. 47).

11 Para Bourdieu, o campo religioso, enquanto monopólio da gestão de bens de salvação é constituído por um corpo de especialistas religiosos socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos destes bens, do outro lado estão os leigos destituídos do capital religioso pelo fato de desconhecerem a racionalização da religião (BOURDIEU apud BORIN, 2010).

12 O termo sensacionalismo é utilizado aqui de acordo com o conceito de Rosa Nívea Pedroso. Segundo a autora, o sensacionalismo é um modo de produção discursiva da informação de atualidade, processado “por critérios de intensificação e exagero gráfico, temático, linguístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de representação e construção do real social”. Entre as regras definidoras do modo sensacionalista de produção do discurso de informação estão a intensificação, o exagero e a heterogeneidade gráfica; a valorização da emoção em detrimento da informação; a exploração do extraordinário e do vulgar; a valorização de conteúdos ou temáticas isoladas e sem contextualização; a produção discursiva na perspectiva trágica, violenta, insólita, grotesca ou fantástica; a gramática discursiva fundamentada no desnívelamento sócio-econômico-cultural entre as classes hegemônicas e subalternas, entre outras (PEDROSO, apud AMARAL, 2005, p.5).

Há, então, uma intervenção clerical no curso do catolicismo, que demarca a divisão entre o catolicismo popular e o catolicismo oficial. É possível perceber, através da imprensa, como de fato a Igreja sentia-se “com concorrência” em relação aos bens de salvação. A reportagem já citada da revista *O Mundo Ilustrado* tem início dessa forma:

Enquanto a Igreja a hostiliza e nega a sinceridade dos fatos, jorra sangue das feridas que se abrem na carne da coluna de Lajeado Paca – às aparições da Virgem Maria e o fenômeno da Semana Santa – Dom Claudio Colling opõe a enérgica palavra da Igreja ao depoimento dos crentes (Revista O Mundo Ilustrado, 22 de maio de 1957).

Na série de reportagens do jornal porto-alegrense *A Hora*, que podem ser consideradas sensacionalistas<sup>12</sup>, há um “julgamento” de Dorothéa, com defesa e acusação.

Realmente, ela, Dorothéa Farina, a até então apagada coluna que labuta na terra, é a pessoa mais discutida em Erechim. Discutida e combatida. Ela tem defesa e acusação. Colonos e populares são a defesa. A Igreja Católica e os médicos a acusação (Jornal A Hora, 27 de abril de 1957).

De acordo com a reportagem, o pároco de Erechim, o Cônego Gregório Comasseto, “na qualidade de condutor espiritual da família católica do município”, rejeita os acontecimentos em Lajeado Paca, “não os aceita como verdadeiros. Diz que são forjados por ela e seus familiares”. Mas, ainda dentro da “acusação”, a reportagem faz menção às “provas” que a Igreja teria para desqualificar essa aparição. Diz a reportagem:

Logo que se iniciaram os fenômenos, há treze anos, a Igreja tratou da realização de provas e experiências que pudessem atestar o seu fundamento ou falsidade. Evidentemente, não poderia aceitar e nem recusar os fatos sem agir dessa maneira. O pe. J. Gramer, de P. Fundo, mandou carpir o terreno no local da cruz. Desmanchou completamente a aparição. Revolveu a terra e recolheu amostras. Plantou trigo. Pretendia assim verificar se a estranha aparição não fora forjada por mãos bem humanas. Deixou alguns

católicos de guarda, a fim de constatar se não iriam pôr ali alguma substância capaz de tornar o terreno estéril. Entretanto, o milagre repetiu-se. O trigo semeado dentro do perímetro da cruz morreu, enquanto o restante cresceu viçoso. Nunca se soube o resultado do exame realizado em uma amostra de terra enviada para São Paulo. Até hoje continua existindo o sinal que os colonos dizem divino (Jornal A Hora, 27 de abril de 1957).

A própria “prova” que o jornal traz como sendo da acusação é, na verdade, uma defesa. Fica claro o posicionamento do jornal, em não se alinhar com o pensamento da Igreja. Mesmo com várias tentativas, a Igreja não conseguiu impor para o povo que a cruz não tinha origem divina<sup>13</sup>. A Reportagem na revista *O Mundo Ilustrado*, em 22 de maio de 1957 também comenta sobre a destruição da cruz:

A reportagem foi informada de que a cruz já foi destruída pelos padres, que revolveram a terra, semeando o trigo. Mas no meio do trigo, segundo dizem os moradores locais, ela surgiu novamente. Diz o vigário de Aratiba que a cruz é falsa e que um pouco de soda derretida na água é suficiente para provocar a morte da grama. Entretanto, afirmam os romeiros que nenhum exame honesto foi feito na terra, enquanto os romeiros, como a senhora Vitoria Bernardi, afirmaram “podem sequestrar D. Dorothea, mas a cruz que nasceu milagrosamente ninguém a leva e em torno dela havemos de orar”. (Revista *O Mundo Ilustrado*, 22 de maio de 1957).

Dorothéa nunca se importou com as tentativas de destruição da cruz por parte daqueles que a viam como uma farsa. Dizia que, como era de Deus, os homens não conseguiram destruir (MARTINOWSKI, 2006, p.14). Dessa forma, cada vez que a cruz era destruída, a devoção ficava mais forte. Na reportagem que a revista *O Cruzeiro* fez sobre esses acontecimentos, publicada na edição de 18 de abril de 1959, o pároco afirma que “tudo se explica à luz da ciência, menos aquela cruz no chão”. Os devotos, portanto, apegam-se a esse sinal, que adquiriu o significado de “bem simbólico”, como uma garantia de que sua fé não estaria na contramão das vontades de Deus, apesar de ser contrária às vontades da Igreja.

O próprio nome da aparição, Nossa Senhora de Santa Cruz, demonstra a força dessa simbologia. Segundo membros da comissão que toma conta do

santuário na atualidade<sup>14</sup>, quando Nossa Senhora aparece em algum lugar, ela leva o nome do local: Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora da Salete; aqui não seria diferente. O primeiro e, segundo eles, o verdadeiro nome do Brasil teria sido “Terra de Santa Cruz”<sup>15</sup>. Martinowski concorda:

Da Santa Cruz, por quê? Com certeza, a Mãe do Céu quer recuperar um tesouro perdido. O Brasil nasceu como TERRA DE SANTA CRUZ. Cedo demais, porém, outros interesses dominaram os recém chegados aventureiros, fascinados com a madeira preciosa e seu valor lá fora. Cedo demais, a Santa Cruz perdeu espaço para o “Pau-brasil”. E depois, para o futebol e para o carnaval... Todas elas, armas de satanás! (2006, p. 19).

Em setembro de 1954, o papa PIO XII teria dito que “O Brasil nasceu sob o signo da cruz, se organizou, cresceu e tem prosperado, sempre protegido pela Mãe Santíssima, afetuosamente venerada e evocada com muitos títulos belos e expressivos”. (Apud DAVID, 2012). A cruz, como símbolo do sofrimento e da paixão de Cristo, e mesmo da fé cristã, é motivo de diversas devoções em toda parte do país. Ao indagar Nossa Senhora a respeito da cruz, Dorothéa teria recebido a seguinte resposta:

Não vês que a cruz é o estandarte da salvação? Rezem pelos bispos, pelos padres e por todos os religiosos e religiosas. Virá o dia em que vão ser perseguidos. Muitos serão mortos e muitos encarregados, pelos maus. O Santo Padre o Papa sofrerá muito por causa de tantas perseguições à Igreja e aos cristãos, por ver tantas vítimas na guerra, fome e miséria. Esta guerra vai terminar, mas, se não fizerem penitência, virá outra pior. A paz virá somente quando o meu povo voltar a Deus. Tu hás de sofrer muito, primeiro a perseguição do povo, depois, dos padres e do bispo. Mas, oferece tudo pela conversão dos pecadores que tanto precisam. Não temas. Revela isso a todos! (MARTINOWSKI, 2006, p. 22).

A valorização do sofrimento não está apenas no que a cruz representa. É um elemento purificador. Para David (1994, p.45), “a relação sofrimento/santidade é utilizada há muito tempo para justificar uma determinada situação. A ideia de que o sofrimento purifica vem desde as religiões pagãs e foi absorvido pelo cristianismo”. É interessante

13 Contam os devotos que a cruz já foi destruída cinco vezes, voltado a aparecer. Na quarta destruição, teria aparecido uma fonte de água.

14 Algumas pessoas são responsáveis por manter o santuário. São pessoas que conhecem e acompanham a trajetória de Dorothéa, e hoje seguem as instruções repassadas por ela como, por exemplo, manter a casa aberta para receber devotos, oferecendo estadia sem cobrar nenhum valor; organizar as romarias (que acontecem todo ano no dia 14 de setembro); guardar suas anotações, mensagens e demais registros; tomar conta do espaço do santuário em geral. Dizem-se membros da “comissão”.

15 Sobre a história dos nomes do Brasil ver SOUZA, Laura de Mello e. **O nome do Brasil**. Revista de História, n.145. São Paulo, dez. 2001. Disponível em: <[http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-83092001000200002&lng=pt&nrm=iso](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-83092001000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 27 set. 2012.

perceber a ligação que existe, no catolicismo, entre cruz, sofrimento e Nossa Senhora. No hino *Stabat Mater*, essa ligação se faz clara<sup>16</sup>:

De pé, a mãe dolorosa / junto da cruz, lacrimosa, /  
via o filho que pendia.  
Na sua alma agoniada / enterrou-se a dura espada /  
de uma antiga profecia  
Oh! Quão triste e quão aflita / entre todas, Mãe ben-  
dita, / que só tinha aquele Filho.  
Quanta angústia não sentia, / Mãe piedosa quando  
via/ as penas do Filho seu!  
Quem não chora vendo isso: / contemplando a Mãe  
de Cristo / num suplício tão enorme? (...)  
Faze, ó Mãe, fonte de amor / que eu sinta o espinho  
da dor / para contigo chorar:  
Faze arder meu coração / do Cristo Deus na paixão /  
para que o possa agradar.  
Ó Santa Mãe dá-me isto, / trazer as chagas de Cristo  
/ gravadas no coração:  
Do teu filho que por mim / entrega-se a morte as-  
sim, / divide as penas comigo.  
Oh! Dá-me enquanto viver / com Cristo compadecer  
/ chorando sempre contigo.  
Junto à cruz eu quero estar / quero o meu pranto  
juntar / Às lágrimas que derramas. (...)

Entende-se dessa forma o porquê de Dorothéa e sua família aceitarem pacífica e obedientemente a reação da Igreja, fosse a reprovação, a acusação de mentirosa, ou mesmo atitudes de violência. “Tu hás de sofrer muito”, dizia Nossa Senhora, e Dorothéa aceitava sua cruz. A reportagem da revista *O Mundo Ilustrado* diz que “Dorothea Menegon Farina obedece cegamente a Dom Comassetto”.

(...) é tal a obediência do casal Farina ao Cônego Comassetto que o chefe da família não protesta quando o Cônego acha por bem esconder sua esposa do público, como fez no último 3 de maio, recolhendo-a ao Hospital Sta Terezinha, onde foi retida até depois da hora - 15:30 horas - em que deveria ter as visões. (Revista *O Mundo Ilustrado*, 22 de maio de 1957).

Contam os devotos que Dorothea foi várias vezes retirada de sua casa para evitar que o povo fosse até lá a fim de acompanhar os fenômenos. Em seu livro, padre Martinowski relata que ela foi sequestrada pelas autoridades religiosas e encontrada dias depois em um hospital da região. Segundo reportagem no jornal *A Hora*, por ordem da Igreja, Dorothea passou a manter-se afastada de casa durante a Semana Santa, para desincentivar a romaria que teria se tornado “algo monumental”. Essa reporta-

gem evidencia ainda o episódio em que Dorothéa foi levada a Passo Fundo e internada em um estabelecimento religioso (é o sequestro a que se refere o padre Martinowski). Ela teria permanecido por alguns dias em observação, “Suas mãos e seus pés foram engessados. Diz o Padre Gregório que nessa ocasião não verte sangue das feridas”. Quanto a isso, o relato de devotos e membros da comissão é de que verteu tanto sangue que “estourou” o gesso. Ainda segundo a reportagem, “ela ficou súbita e inexplicavelmente doente. Pareceu morta durante a quinta e sexta-feira da Paixão. Na manhã de domingo melhorou repentinamente” (Jornal *A Hora*, 27 de abril de 1957). Outro incidente que teria acontecido durante essa internação forçada de Dorothéa, diz respeito ao momento em que deveria acontecer a aparição. É relatado nessa e em outras reportagens que Dorothéa passou a olhar fixamente para um local acima de um crucifixo que havia na parede, com o corpo rígido, como se estivesse em transe. Como ninguém conseguia tirá-la desse estado, teria sido aplicada nela uma injeção de éter. Segundo reportagem da revista *O Cruzeiro*:

Há quatro anos atrás, injetou-lhe um médico trinta centímetros de éter no músculo, durante o seu estado de rigidez. A estigmatizada permaneceu em transe e só quando tornou a si é que procurou tratamento. O Dr. Pecoits Junior, proprietário da Casa de Saúde de Aratiba, tratou-a, sendo necessária a extirpação de grande quantidade de tecido necrosado no omoplata, até o osso (Revista *O Cruzeiro*, 18 de abril de 1959).

A revista *O Mundo Ilustrado* questiona as atitudes da Igreja “não sabemos até onde chega o direito de aplicar na pobre colona dolorosas injeções de éter e de conservá-la em cárcere privado, quando assim julga necessário o Cônego Comassetto”. Ao mesmo tempo em que alguns fiéis se afastavam dos fenômenos em Lajeado Paca, temendo a excomunhão da Igreja, outros continuavam firmes em sua crença, principalmente ao verem a que estava sendo submetida Dorothéa, sem nenhuma revolta. “Talvez seja por tais atitudes que cresce a simpatia em torno da estigmatizada, o que pode se transformar em fanatismo” – completa a reportagem d’*O Mundo Ilustrado* (22 de maio de 1957).

Com a divulgação realizada pela imprensa desses acontecimentos relacionados à “mulher da

16 O *Stabat Mater* é um hino do século XIII, atribuído ao franciscano Jacopone da Todi, que figura até hoje em celebrações católicas. As representações de Maria como Mater Dolorosa florescem nesse período, como a pintura de Ticiano (em 1555) e a Pietá, de Michelangelo (de 1499). A imagem de Maria triste, chorando, é constante nas falas dos participantes das aparições desde a Idade Média (como nas revelações a Santa Brígida e a Santa Teresa de Ávila). Assim como sofreu diante dos sofrimentos de Jesus, sofre, nas aparições, por conhecer os sofrimentos destinados aos seus filhos pecadores (SALES, 2012).

cruz”, aumentava cada vez mais a credibilidade dos fenômenos em Lajeado entre os fiéis, principalmente em função do sofrimento que ela parecia suportar. A reportagem publicada no jornal *A Hora*, diz que “A defesa de Dorothéa não é feita por entidades e nem por gente formada. Mas nem por isso tem menos valor. Quem a faz é o público”. Os repórteres conversaram com os devotos que se encontravam na casa de Dorothéa e constataram que os argumentos dos devotos “são capazes de absolvê-la”, segue um trecho da reportagem:

Eles contestam aqueles que insinuam estar ela obtendo lucro financeiro. Também, são eles que prestam depoimentos valiosos acerca da personalidade de Dorothéa Farina, que não se apresente como pretensa santa e nem como possuidora a poderes de cura. Eles falam de curas sofridas por gente que orou diante da “Santa Cruz” e – alguns – contam que também viram ou ouviram a aparição (Jornal *A Hora*, 28 de abril de 1957).

A reportagem chega à essa conclusão de absolvição principalmente por causa do comportamento dos devotos. Narra de forma poética a ajornada de alguns peregrinos, salientando que eles

Não medem distâncias nem dificuldades. Vencem todos os obstáculos, com uma única arma. Possuem a arma imbatível da fé. São eles e outros que constituem a defesa da mulher. São o atestado vivo de que o povo crê na origem divina das chagas que surgem no corpo de Dorothéa e da cruz existente na grama, defronte à sua casa. Eles acreditam na aparição que disse chamar-se Nossa Senhora de Santa Cruz. Rebatem as acusações feitas à estigmatizada (Jornal *A Hora*, 28 de abril de 1957).

Além disso, nessa série de reportagens é evidenciada a participação de outras pessoas no fenômeno - o que também ajudou a dar credibilidade à essa aparição. Entre essas pessoas está o filho de Dorothéa, Geraldo, que teria ouvido, junto com sua mãe, a primeira mensagem de Nossa Senhora. Além dele, uma vizinha chamada Luisa Cauvilla, que acompanhava as aparições no sítio de Dorothéa desde o inicio, diz ao repórter que sempre ouvia a voz da Virgem enquanto ela estava falando com a vidente: “Era uma voz macia e musical. Fina. Parecia que eu não a ouvia, mas que a sentia no meu coração!”

Outra devota que conta a respeito de seu envolvimento é Assunta Ronani. Segundo a reportagem, ela “vislumbrou no ar, bem por cima da imagem sagrada gravada na grama uma cobra grande, coleante” (que seria o símbolo do demônio sendo esmagado, representando a vitória da virtude so-

bre o mal). Ainda nesta reportagem, o parlamentar João Caruso conta ao repórter que no ano de 1954 viu jorrar sangue das chagas de Dorothéa, e outras pessoas afirmam ter escutado quando Nossa Senhora teria falado “seu nome” (Jornal *A Hora*, 28 de abril de 1957). O jornalista encerra a série de cinco reportagens dizendo que “o mais cômodo é fazer como Shakespeare e admitir que “entre o céu e a terra existe muita coisa que a nossa vã filosofia não alcança” (Jornal *A Hora*, 29 de abril de 1957).

Diante dessas circunstâncias, salienta-se que a sobrevivência dessa aparição ocorre principalmente por causa dos sinais de graças alcançadas, votos e ex-votos (PETRUSKI, 2010, p. 425), que se dão tanto por meio dos relatos das pessoas que acreditam terem alcançado uma graça, quanto por cartas, bilhetes, fotografias, placas de devotos agradecendo as graças, que passam a se juntar já nos primeiros anos das aparições. Na reportagem da revista *O Mundo Ilustrado* (22 de maio de 1957) lê-se que “A lista dos milagres é imensa, pois todos dizem estar ali para agradecer uma graça”. São citados nessa reportagem vários exemplos de pessoas que dizem ter tido uma graça alcançada.

Vale destacar que os veículos de comunicação foram peças fundamentais na construção dessa devoção por meio da publicação dos inúmeros relatos de graças alcançadas impressos em suas páginas, assim como depoimentos de pessoas públicas que acreditavam nos acontecimentos de Lajeado. Além disso, as reportagens descreviam em minúcias os acontecimentos que se dedicavam a explanar, criando detalhes e elementos, estimulando a imaginação popular.

Mesmo elaborando uma espécie de julgamento e colocando em lados opostos os devotos de Nossa Senhora de Santa Cruz e a Igreja, as reportagens destacam que esses devotos jamais deixaram de se sentir membros dessa Igreja. “Apesar de tudo, entretanto, também estes continuam dizendo-se católicos convictos e esperam que um dia seja retirada a pena de excomunhão que pesa sobre eles” (Jornal *A Hora*, 25 de abril de 1957). Na terceira reportagem dessa série, há a afirmação de que o público fiel se diz católico e que continua praticando o catolicismo, esperando que

um dia sejam retiradas as ameaças que pesam sobre eles. Acreditam que no futuro Dorothéa não mais será tachada de mistificadora, charlatã e curandeira. Creem firmemente que um dia a Igreja reconhecerá a aparição como sendo realmente de Nossa Senhora. A Nossa Senhora de Santa Cruz (Jornal *A Hora*, 27 de abril de 1957).

O conflito que se instala entre o modelo de religiosidade popular analisado neste trabalho, e a Igreja oficial, não tem, portanto, origem por parte dos devotos de Nossa Senhora de Santa Cruz. A devoção deles está inscrita no seu imaginário católico. Já os clérigos, a fim de defender a postura da Igreja romanizada, valorizam apenas as práticas religiosas sob orientação da Igreja e combatem as práticas populares.

De acordo com Marchi (1998, p.61), o catolicismo popular não subsiste sozinho, “precisa das práticas institucionais para complementar seu devocionário. A missa, o batismo e outros sacramentos tornaram-se rituais necessários, havendo a fusão entre a religiosidade do povo e a sacramental”. Para o autor, a riqueza dessa forma de religiosidade se dá justamente porque, sem excluir rituais, incorpora outras devoções paralelas. Com efeito, não é possível considerar que essa religiosidade tenha um caráter substitutivo ou antagônico à Igreja oficial.

Na sua quinta reportagem da série, o jornal *A Hora* cita a última mensagem recebida até então por Dorothéa. Nossa Senhora teria dito que

A verdadeira Igreja de Cristo é a católica Apostólica Romana. As outras, pode dizer ao público sem receio de errar, com toda certeza, que as outras são inventadas pelos homens sem fé. E quantos católicos que são tão fracos que se deixam iludir pelos falsos como a maçonaria, espiritismo, comunismo e outras religiões e superstições. (...) (Jornal *A Hora*, 29 de abril de 1957).

Em suma, não assumem os devotos e Dorothéa uma luta contra a ortodoxia católica. Parecem mais “empreender uma luta ao lado da ortodoxia, contra os inimigos da Igreja” (NOBRE, 2010, p. 61). Contudo, a popularização dos fenômenos sem o aval da Igreja feriu a hierarquia que ordenava então o catolicismo. Isso não era perdoável pelo clero em Erechim ou pelo Bispo de Passo Fundo, nesse momento em que o catolicismo oficial defendia seu monopólio dos bens de salvação.

Ao mesmo tempo em que Igreja busca efetivar o controle sobre o acesso das pessoas ao sagrado, a população, diante de suas necessidades e incertezas, encontra caminhos mais curtos elaborados por sua fé. Isso sinaliza, como constata Maria Aparecida Gaeta (1999), que, na cultura popular, os fiéis inventam seu próprio cotidiano, e o sagrado que valorizam é tão legítimo quanto o propagado pelo Vaticano.

## Considerações Finais

A partir do que foi analisado em diversas reportagens, pode-se dizer que a representação dos acontecimentos que envolviam as aparições de Nossa Senhora em Lajeado Paca constrói um discurso a favor do catolicismo popular. É utilizada a repercussão de um fenômeno religioso para ressaltar o direito ao acesso a um sagrado que não está desvinculado das preocupações com o cotidiano.

Ao mesmo tempo em que entra em conflito com os padrões estabelecidos pela hierarquia eclesiástica, a religiosidade aqui analisada reproduz as diretrizes da Igreja “em uma linguagem cultural adequada ao momento em que vive e às angústias pelas quais passa sem, contudo, abrir mão de sua denominação de católico, ou seja, de adepto ao catolicismo” (DAVID, 2010, p. 144).

Mesmo que a análise desse conflito entre o catolicismo popular e o catolicismo oficial seja possível a partir da constatação da relação dialética que existe entre eles, é preciso perceber que esse momento na História da Igreja não se restringe a essa polarização. Os devotos a Nossa Senhora de Santa Cruz podem ser identificados como pertencentes a um catolicismo que sintetiza as permanências e rupturas que caracterizam as relações do homem com o sagrado. Essas relações têm a ver com referências simbólicas que dizem respeito às práticas sociais. Nas palavras de Geertz:

Os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o ethos de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticas – e sua visão de mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ordem (1989, p. 104).

Portanto, esse período do catolicismo e as religiosidades que surgem na interface das perspectivas tradicionais com a modernidade, como é o caso das aparições de Nossa Senhora em Lajeado Paca, ensejam ainda muitas outras reflexões, chamando os pesquisadores a ocuparem com perguntas sobre o contexto social, econômico, político, cultural ou simbólico, o espaço aberto pelos precursores da História Cultural.

## Referências

- A VIRGEM Maria apareceu duas vezes em Erechim e, no dia seguinte, amanheceu desenhada na grama uma grande cruz. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 11 fev. 1945.
- ALVES, J.D. Non Praevalebunt: A ambiguidade do Vaticano II e a crise identitária do catolicismo. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: HISTÓRIA E LIBERDADE. 2010, Franca. **Anais...** Franca: UNESP, 2010. CD-ROM.
- AMARAL, M. F. Sensacionalismo, um conceito errante. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPOS, 14., 2005, Niterói-RJ. **Resumos...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005.
- DAVID, S. R. A. **Um estudo de religiosidade Popular**: o Santo Menino da Tábua. 1994. Dissertação (Mestrado em História). FCL/UNESP, Assis-SP, 1994.
- \_\_\_\_\_. O culto aos santos: a religiosidade católica e seu hibridismo. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf6/6Solange.pdf>>. Acesso em 13 set. 2012.
- \_\_\_\_\_. Devoções e santuários Marianos na História do Paraná. **Revista Angelus Novos**, n.3, maio 2012. Disponível em: <<http://www.usp.br/ran/ojs/index.php/angelusnovus/article/view/142>>. Acesso em: 13 set. 2012.
- DOSSIÊ Jornais como fontes históricas - **Revista Santa Catarina em História** - v.2, n.2. Florianópolis - UFSC 2008.
- FERNANDES, R. A. N. Devoção popular e romanização no catolicismo brasileiro: Um estudo sobre o culto popular prestado ao bem aventurado São Gonçalo de Amarante no contexto da romanização do catolicismo brasileiro (1890-1960). In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: HISTÓRIA E BIOGRAFIAS, 10., 2002, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPUH, 2002.
- FORTI, M. C. P. **Maria do Juazeiro**: a beata do milagre. São Paulo; Annamblume, 1999.
- GAETA, M. A. J. V. "Santos" que não são santos: estudos sobre a religiosidade popular brasileira. **Mi-**
- mesis
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos S.A. 1989.
- LE GOFF, J. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MARCHI, E. O mito do Brasil católico: Dom Sebastião Leme e os contrapontos de um discurso. In: **História Questões e Debates**, Curitiba, v. 15, n. 28, p.55-75, jan/jul.1998.
- MARTINOWSKI, N. **Nossa Senhora de Santa Cruz**. Blumenau: Odorizzi, 2006.
- NOBRE, E. S. **O teatro de Deus**: A construção dos espaços sagrados no sul do Ceará a partir das práticas místicas femininas (Ceará, 1889-1898). 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.
- PACHECO, W. Estigmas de Cristo no corpo de Dorothea. **A Hora**, Porto Alegre, 25 abr. 1957.
- \_\_\_\_\_. "A aparição disse seu nome: Nossa Senhora de Santa Cruz!". **A Hora**, Porto Alegre, 26 abr. 1957.
- \_\_\_\_\_. "O trigo morreu e a cruz reapareceu". **A Hora**, Porto Alegre, 27 abr. 1957.
- \_\_\_\_\_. João Caruso testemunhou o mistério de Dorothea. **A Hora**, Porto Alegre, 28 abr. 1957.
- \_\_\_\_\_. Os céus estão revoltados com a maneira de viver dos homens. **A Hora**, Porto Alegre, 29 abr. 1957.
- PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PETRUSKI, M. R. O túmulo como altar: o culto a Corina Portugal. **História Agora**, v. 10, p. 412-427, 2010. Disponível em: <<http://www.historiagora.com/component/jdownloads/finish/17/22>>. Acesso em: 29 ago. 2012.
- SALES, L. M. A Virgem Maria nas aparições: Quem é esta mulher? **Revista Caminhos**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 98-118, jan./jun. 2012.

SILVA, E. A.; SANTOS, F. L.; DENIPOTI, C. L. **Mé-  
todos e Técnicas de Pesquisa em História II**  
Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2011.

SILVA, E. G. Beata Maria de Araujo: do esquecimento à lembrança, da lembrança ao esquecimento. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DO CEARÁ: HISTÓRIA: POLÍTICAS PÚBLICAS E PRÁTICAS CULTURAIS. 12, 2010, Urca. **Anais...** Urca: ANPU-CE, 2010.

SOBREIRA, M. R. N. **A religiosidade Popular: A**  
prática do culto aos mortos “milagreiros” em Bauru.  
UNESP: Assis, 2002.

STEIL, C. A. As Aparições marianas na história recente do catolicismo. In: STEIL, C. A.; MARIZ, C. L.; REESINK, M. L. (orgs). **Maria entre os Vivos.** Reflexões teóricas e etnográficas sobre aparições marianas no Brasil. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2003. p. 19-36.

TAJES, T. O estranho caso de d. Dorotea. **O Cru-  
zeiro**, Rio de Janeiro, 18 abr. 1959.

THEIJE, M. de; JACOBS, E. Gênero e aparições marianas no Brasil. In: STEIL, C. A.; MARIZ, C. L.; REESINK, M. L. (orgs). **Maria entre os Vivos.** Reflexões teóricas e etnográficas sobre aparições marianas no Brasil. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2003. p. 37-49.

VIANNA, B. Chagas de Cristo no corpo de Doro-  
téia. **O Mundo Ilustrado**, Rio de Janeiro, 22 maio  
1957.

ZALUAR, A. **Os Homens de deus.** Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.